

SETEMBRO | 2024 | ED. 01

BOLETIM MACRO REGIONAL

NORDESTE

**O ANO PARECE PROMISSOR,
MAS A ATIVIDADE ECONÔMICA
AINDA ENFRENTA DESAFIOS**

A INDÚSTRIA DA REGIÃO
BUSCA RECUPERAÇÃO



Índice

Editorial.....	02
Atividade Econômica e PIB Regional.....	04
Atividade Setorial – Serviços e Comércio	07
Atividade Setorial – Indústria.....	11
Mercado de Trabalho – Saldo de Empregos.....	14
Mercado de Trabalho – Desemprego e Rendimento.....	17
Inflação	20
Comércio Exterior	22
NORDESTE EM FOCO	
EXTREMA POBREZA E INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO: O QUE OS DADOS MOSTRAM SOBRE O NORDESTE.....	
	25



Editorial

O nordeste brasileiro enfrenta ainda grandes desafios tanto do ponto de vista econômico como social. Examinando, por exemplo, a participação de seu PIB no PIB nacional, constata-se um crescimento de apenas 1,3 ponto percentual de 1947 (12,5%) até 2021 (13,8%), avanço muito pequeno para quem precisa corrigir um atraso histórico em relação às outras regiões. Ademais, foi a região que menos cresceu nesse período em termos relativos. Em termos de renda, para 2023, o rendimento domiciliar per capita médio do Nordeste equivale apenas a 62% da média nacional.

Do ponto de vista das condições sociais, se examinarmos o indicador de extrema pobreza, a região concentra em seus domicílios 55% da população brasileira nessa condição (cerca de 5,27 milhões de pessoas que representam mais de 9% da população residente na região). E olhando, por exemplo, a questão educacional, elemento chave para o desenvolvimento de qualquer região, os indicadores ainda continuam preocupantes, haja vista que ainda 42,3% da sua população acima de 25 anos possui ensino fundamental incompleto (média nacional de 32,8%) e 13,2% com ensino superior (média nacional de 20,0%), apesar de alguns avanços recentes.

A despeito dessas dificuldades, a região tem se destacado no cenário nacional nos últimos anos como um símbolo de inovação, sustentabilidade e progresso em diversas áreas. Desde o fortalecimento do agronegócio, com o aumento da produção de frutas e a expansão da agricultura irrigada, passando pelo desenvolvimento tecnológico, exemplificado pela criação de polos de inovação em cidades da região, até a crescente relevância das energias renováveis, setor em que o Nordeste lidera a produção de energia eólica e solar no Brasil, a região tem demonstrado uma capacidade de adaptação e crescimento.



Além disso, o setor de turismo tem se expandido significativamente, atraindo um número crescente de visitantes e impulsionando a economia local ao promover a cultura e as belezas naturais da região. A modernização das atividades produtivas, aliada à criação de parques tecnológicos e ao investimento em infraestrutura energética, tem impulsionado a economia regional e atraído o interesse de novos investidores.

É nesse contexto que o *Boletim Macro Regional*, produzido pelo Centro de Estudos para o Desenvolvimento do Nordeste do FGV IBRE torna-se um instrumento adicional e uma ferramenta essencial para ajudar a entender melhor a dinâmica da região, buscando-se sintetizar mensalmente diversas informações e ao mesmo tempo incluindo análises que possam auxiliar a academia, governos, o setor meio empresarial e a sociedade civil de uma forma geral a conhecer melhor o que está acontecendo com a região.

Nesse sentido, traremos para análise nesse boletim informações sobre a dinâmica do PIB da região, dados sobre mercado de trabalho, inflação, comércio exterior, dentre outras. Assim, a ideia é reunir esforços e entendimentos para possibilitar as melhores decisões no sentido de acelerar o desenvolvimento da região, propiciando o aumento de bem-estar de sua população.

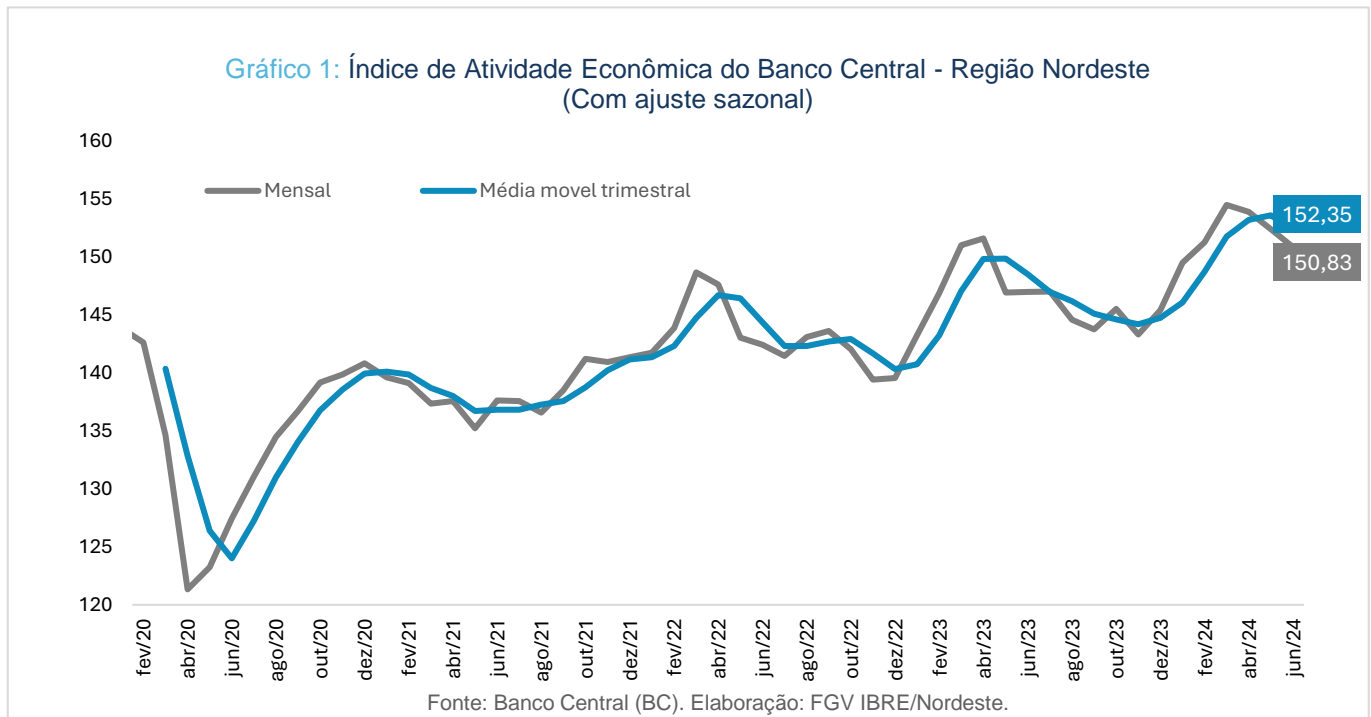


Atividade Econômica e PIB Regional

O ano é animador para a Região Nordeste, mas a dinâmica da atividade econômica deve ser vista com cautela

A análise da dinâmica da economia nordestina começa com os dados do Índice de Atividade Econômica Regional do Banco Central (IBC-R), que engloba os setores agropecuário, industrial, serviços e comércio, e fornece uma visão abrangente do desempenho econômico regional. De acordo com os dados divulgados para junho de 2024, ajustados sazonalmente, o Nordeste registrou uma queda de -1,0% em relação ao mês imediatamente anterior, resultado bem inferior ao registrado para o Brasil, de +1,4%. O desempenho nordestino foi o pior resultado entre todas as regiões do Brasil. O melhor desempenho regional ficou com o Sul, com +3,0%, resultado da recuperação da catástrofe climática que atingiu o Rio Grande do Sul.

Apesar da queda mensal, quando comparamos o trimestre de abril a junho com o trimestre imediatamente anterior, a região Nordeste apresenta um crescimento modesto de +0,5%. Comparando com o mesmo mês do ano anterior, a variação é positiva em +2,3%, e, em relação ao mesmo trimestre de 2023, o resultado é expressivo, com aumento de +3,0%. Esses números reforçam a tese de que essa queda mensal da atividade nordestina se deve a algo pontual.



Nos primeiros seis meses do ano, a região cresceu +3,1% e, nos últimos 12 meses, +2,6. Esse ritmo de crescimento da atividade econômica é superior ao registrado para o Brasil, com +2,1% no acumulado ano e +1,6% nos últimos 12 meses.



Em relação aos estados, apenas a atividade econômica do Ceará cresceu em junho/2024 em relação a maio (na série dessazonalizada), em +0,4%. Em relação ao trimestre móvel, a economia de Pernambuco cresceu +2,2%, seguida do Ceará (+1,7%) e Bahia (+1,5%). O bom desempenho das economias da região pode ser evidenciado na tabela resumida abaixo:

Tabela 1: Variações percentuais do IBC-R Observado – jun/24

UF	Ano ⁽¹⁾	Trimestre ⁽²⁾	Mês ⁽³⁾	Últimos 12 meses ⁽⁴⁾
Bahia	▲2,7	▲2,2	▲1,8	▲3,1
Ceará	▲5,7	▲6,5	▲6,5	▲3,4
Pernambuco	▲3,4	▲3,9	▲2,1	▲3,1
Nordeste	▲3,1	▲3,0	▲2,3	▲2,6
Brasil	▲2,1	▲2,8	▲3,2	▲1,6

Fonte: Banco Central. Elaboração: FGV IBRE/Nordeste. Notas: (1): variação no ano até o mês base. (2) variação no trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior. (3) variação do mês em relação ao mesmo mês do ano anterior. (4) variação dos últimos 12 meses em relação aos mesmos meses do ano anterior

A economia do Nordeste tem apresentado desempenho favorável desde o ano passado, em linha com a economia brasileira. A estimativa dos PIBs do 1º trimestre de 2024 para alguns estados da região é divulgada por institutos de pesquisas locais, utilizando a mesma ponderação das Contas Regionais do IBGE. Diante desses dados, as economias nordestinas vêm performando bem em relação ao trimestre imediatamente anterior e o Ceará liderou com aumento de +2,7%, seguido da Bahia (+0,9) e Pernambuco (+0,6). É importante mencionar que a economia brasileira cresceu +0,8% no referido trimestre.

Na Bahia, o setor de Agropecuária apresentou queda significativa de -4,7%, decorrente do recuo nos preços das mercadorias agrícolas e agroindustriais. No entanto, os setores de Serviços e Indústria mostraram crescimento, com aumentos de +3,3% e +3,1%. O destaque dos serviços foi o crescimento de +6,1% no Comércio. E, na Indústria, a Extrativa cresceu +16,3%, seguida da Transformação (+3,6%) e Construção Civil (+2,1%). Apesar da queda da Agropecuária, o PIB baiano alcançou quase R\$ 123 bilhões, crescendo +2,9% no 1º trimestre de 2024 em relação ao mesmo período de 2023.

No Ceará, o setor industrial teve um aumento impressionante de +12,8%, o maior entre todos os setores e estados, indicando forte crescimento na produção industrial, com crescimentos consideráveis na Transformação (+10,8%), Construção Civil (+10,8%) e Eletricidade, Gás e Água (+18,8%). Além disso, os Serviços cresceram +3,9% e a Agropecuária aumentou +2,1. O PIB do Ceará cresceu +5,3%, impulsionado principalmente pela performance da indústria.



Em Pernambuco, o setor de Agropecuária se destacou com crescimento de +12,0%, o maior entre os estados mencionados. Os setores de Indústria e Serviços, por outro lado, tiveram crescimentos mais modestos, de +1,0% e +1,4%, respectivamente. Como destaque negativo, a Transformação caiu -0,6%, enquanto o destaque positivo foi para o Comércio, que cresceu +6,0%. O PIB de Pernambuco cresceu +1,8%, refletindo um crescimento econômico modesto quando comparado aos outros estados.

Os dados para a Região Nordeste e para os estados analisados são de fato animadores. Todavia, a atividade econômica deve ser acompanhada com cautela, dado que **os desempenhos das economias regionais foram resultantes dos Serviços e da Indústria.** Dessa forma, **cabe um esforço das economias para manter o crescimento industrial e se resguardar das influências conjunturais inerentes ao setor de serviços**, que, no caso nordestino, tem grande parcela na produção.

Tabela 2: Desempenho dos PIBs Regionais – 1° tri. de 2024 em relação ao 1° tri. de 2023

Setores	Bahia	Ceará	Pernambuco
Agropecuária	▼4,7	▲2,1	▲12,0
Indústria	▲3,1	▲12,8	▲1,0
Serviços	▲3,3	▲3,9	▲1,4
PIB	▲2,9	▲5,3	▲1,8

Fontes: IBGE, SEI/BA, IPECE/CE e CONDEPE-FIDEM/PE. Elaboração: FGV IBRE/Nordeste.



Atividade Setorial – Serviços e Comércio

O desempenho dos serviços nos estados nordestinos mostra recuperação em junho e os dados do comércio continuam apresentando bons números no acumulado do ano

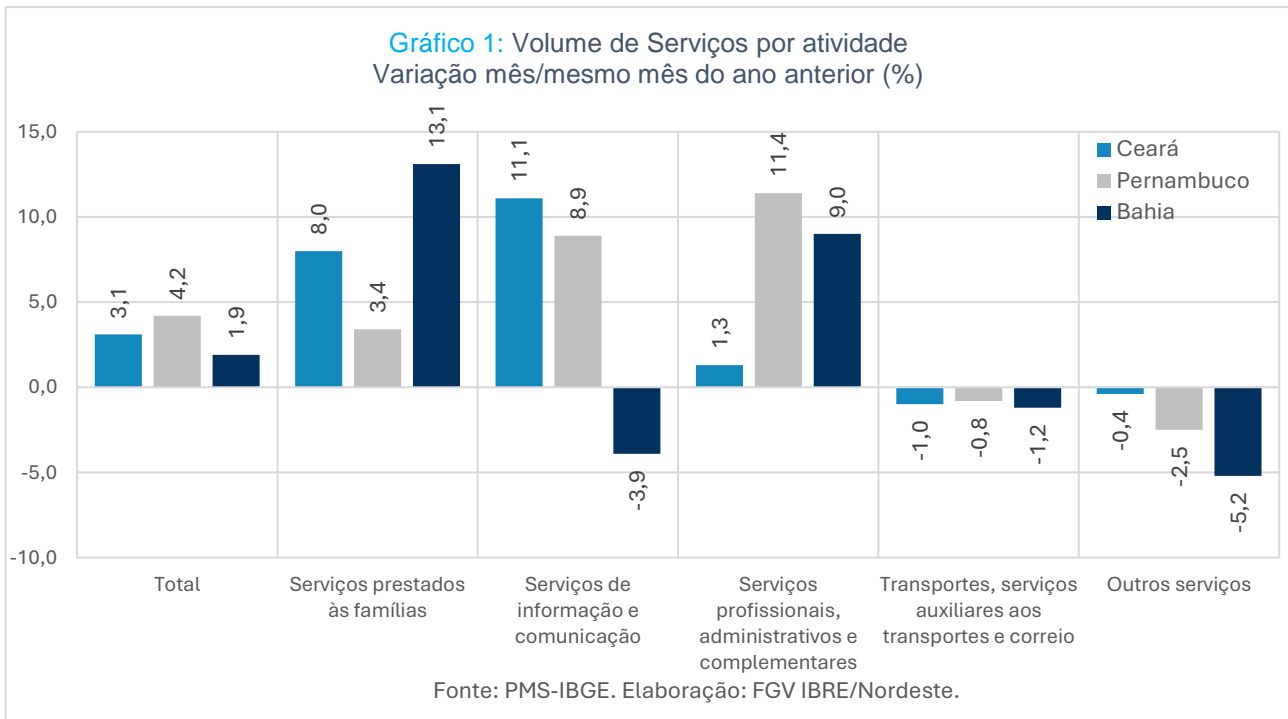
De acordo com a Pesquisa Mensal de Serviços do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PMS-IBGE), o volume do setor de serviços cresceu em quase todos os estados nordestinos em junho/24, em comparação com maio/24. As quedas foram registradas no Rio Grande do Norte (-1,1%) e em Alagoas (-0,2%). Em relação aos desempenhos positivos, os destaques são a Paraíba (+3,4%) e a Bahia (+2,4), que teve uma recuperação em relação à queda registrada em maio. O volume de serviços para o Brasil cresceu em 1,7%, resultado que superou os dados mostrados em maio/24, no qual apresentou estabilidade.

Tabela 1: Desempenho do Volume de Serviços - junho/24

UF	Var. Mensal	Var. acum. ano	Var. acum. 12 meses
AL	▼0,2	▼0,4	▲0,3
BA	▲2,4	▲0,8	▲3,2
CE	▲1,6	▲0,5	▲1,9
MA	▲1,2	▲2,2	▲3,9
PB	▲3,4	▲3,0	▲3,4
PE	▲0,8	▲3,5	▲1,3
PI	▲0,7	▲1,5	▲4,8
RN	▼1,1	▼0,9	▲0,8
SE	▲2,9	▲2,9	▲3,3
BR	▲1,7	▲1,6	▲1,0

Fonte: PMS-IBGE. Elaboração: FGV IBRE/Nordeste. *Var. mensal com ajuste sazonal.

Na comparação anual, em relação a maio/23, o resultado foi positivo para as três maiores economias no Nordeste: Pernambuco (+4,2), Ceará (+3,1%) e Bahia (+1,9). O bom desempenho interanual pode ser explicado pelo forte crescimento dos Serviços prestados às famílias. A maior expansão foi registrada na Bahia (+13,1%). Impactando negativamente no indicador, as atividades de Transportes e outros serviços caíram nas referidas unidades federativas.



As atividades turísticas na Bahia, Ceará e Pernambuco cresceram em junho em relação a maio. Cabe ressaltar que o Ceará se recuperou do resultado do mês anterior, aumentando 5,5%. No Brasil, o crescimento foi de 1,7%, em grande parte influenciado pela reversão de tendência do indicador no Rio Grande do Sul que se recuperou em junho (+8,5), após apresentar uma queda de (-32,3%) em maio. **No acumulado do ano até junho, a Bahia tem o melhor desempenho do país com +9,1%, e nos últimos 12 meses o crescimento é de +9,7%.**

Tabela 2: Desempenho do Volume de Atividades do Turismo - junho/24

UF	Var. Mensal	Var. acum. ano	Var. acum. 12 meses
BA	▲ 5,5	▲ 9,1	▲ 9,7
CE	▲ 5,0	▼ 0,5	▼ 5,5
PE	▲ 2,3	▲ 4,8	▲ 3,0
BR	▲ 3,4	▲ 1,3	▲ 3,4

Fonte: PMS-IBGE. Elaboração: FGV IBRE/Nordeste. *Var. mensal com ajuste sazonal.

Em relação aos dados do Comércio, o volume de vendas no Comércio Varejista reverteu o bom resultado apresentado em maio, de forma geral, assim como a média do Brasil (-1,0%), e caiu em praticamente todos os estados do Nordeste em junho/24 em relação ao mês anterior – a única exceção foi a Paraíba (+2,4%).



Na comparação com junho/23, todos os estados cresceram, com destaque para a Paraíba (+16,4%), que apresentou nesse indicador o melhor resultado do Brasil (Ceará, +6,9%; e Piauí, 6,3%). Em relação à economia cearense, o bom resultado veio das vendas no varejo ligadas ao segmento especializado em itens de consumo essencial como Farmácias e Drogarias (+23,8), outros artigos de uso pessoal e doméstico (+16,2%) e Combustíveis e Lubrificantes (+10,2%), item em que apenas o Ceará teve aumento. Cabe ressaltar que a venda de Combustíveis e Lubrificantes apresentou queda expressiva na Bahia, de -10,0%, e em Pernambuco, de -4,9%.

Tabela 3: Desempenho do Comércio Varejista - junho/24

UF	Var. Mensal*	Var. acum. ano	Var. acum. 12 meses
AL	▼0,5	▲5,8	▲3,4
BA	▼2,8	▲9,1	▲7,4
CE	▼0,8	▲9,2	▲9,1
MA	▼1,1	▲8,3	▲9,2
PB	▲2,4	▲9,7	▼2,8
PE	▼0,1	▲4,8	▲2,6
PI	▼0,3	▲5,8	▲2,3
RN	▼0,4	▲5,9	▲2,3
SE	▼1,8	▲5,3	▲2,6
BR	▼1,0	▲5,2	▲3,6

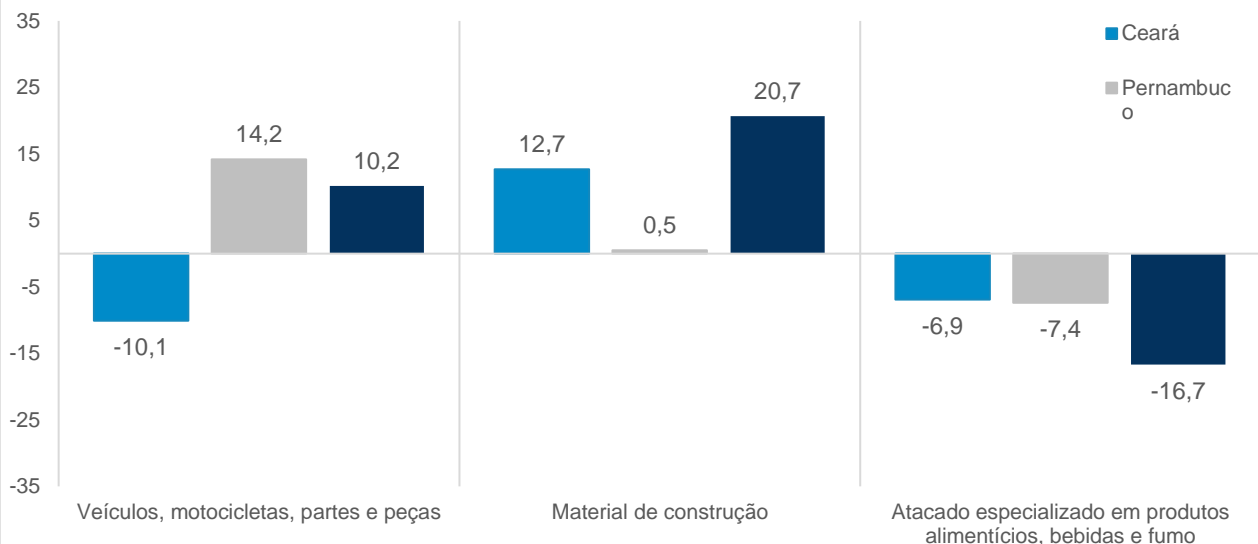
Fonte: PMC-IBGE. Elaboração: FGV IBRE/Nordeste. *Var. mensal com ajuste sazonal.

No **Comércio Varejista Ampliado**, a Paraíba se destacou novamente, registrando o maior crescimento na região Nordeste, com aumento de 4,5% no volume de vendas em relação a maio de 2024. Em contraste, os resultados negativos foram observados no Piauí (-2,6%) e na Bahia (-0,3%). A média nacional mostrou crescimento modesto de +0,4%, com estados como Ceará (+0,1%), Pernambuco (+0,3%), Alagoas e Maranhão (+0,4) seguindo essa tendência.

Em comparação com junho do ano passado, todos os estados da região apresentaram crescimento, tanto em junho quanto no acumulado do ano em relação ao ano anterior. No setor de Materiais de Construção, os estados do Ceará, Pernambuco e Bahia registraram aumento nas vendas em junho de 2024 em comparação com junho de 2023, com a Bahia se destacando. Por outro lado, o setor de Atacado especializado em Produtos Alimentícios sofreu queda significativa nas vendas no Ceará (-6,9%), Pernambuco (-7,2%) e Bahia (-16,7%). Por fim, em relação ao comércio automotivo, com exceção do Ceará, outros estados como Pernambuco e Bahia mostraram um bom crescimento nas vendas em relação a junho de 2023.



Gráfico 2: Volume de Vendas no Comércio Varejista Ampliado por seguimento
Variação mês/mesmo mês do ano anterior (%)



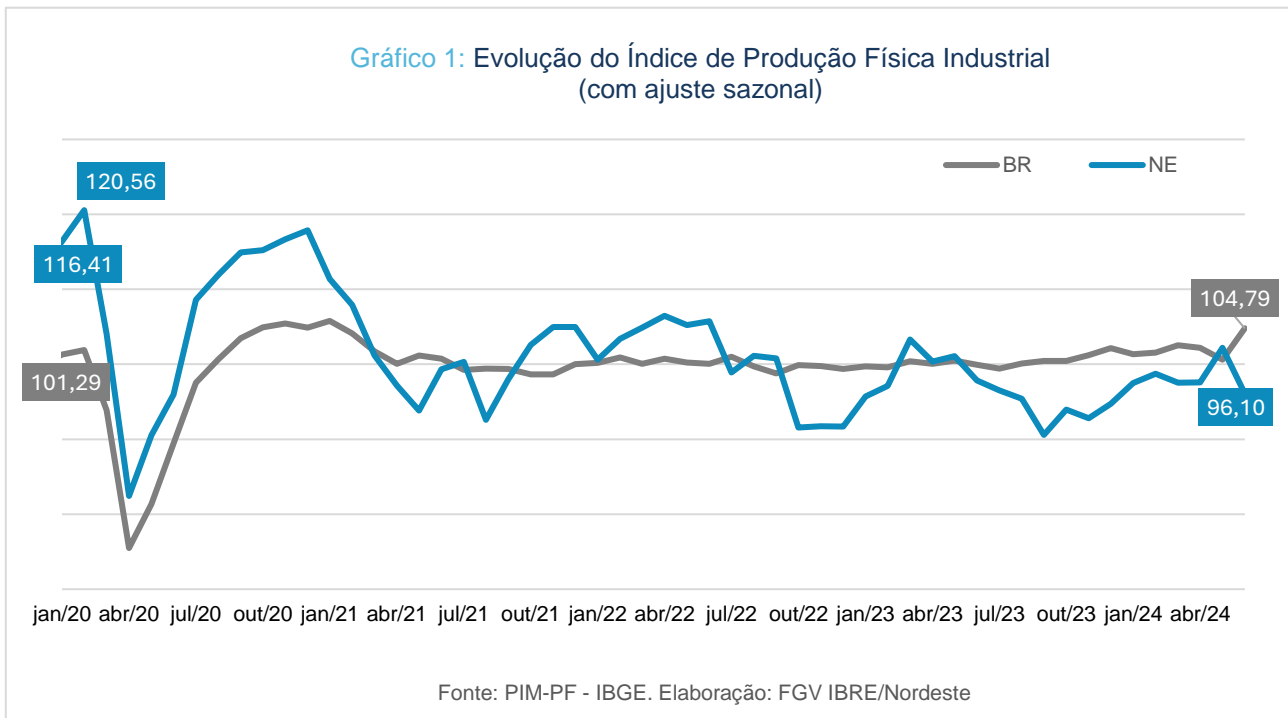
Fonte: PMC-IBGE. Elaboração: FGV IBRE/Nordeste.



Atividade Setorial – Indústria

A indústria nordestina ainda busca recuperar o nível pré-pandemia.

A atividade industrial da Região Nordeste registrou queda de -6,0% em junho/2024 em relação a maio/2024, de acordo com a Pesquisa Industrial Mensal (PIM) do IBGE. A queda do indicador na região teve influência negativa principalmente da indústria baiana e pernambucana, que caíram -5,4% e -5,2%, respectivamente. Apenas o Ceará apresentou crescimento de +1,6%. Já para o Brasil, a situação é mais animadora com variação positiva de +4,1%. **O Índice da Produção Física Industrial do Nordeste registrou em junho/24 o valor de 96,10, abaixo da média da série iniciada em janeiro/20, de 101,12, evidenciando que a indústria nordestina ainda não conseguiu se reerguer ao nível pré-pandemia.**



Revertendo o desempenho positivo apresentado em maio/24, o resultado da indústria nordestina em junho vem de certa maneira associado a uma base de comparação elevada na série com ajuste. Em maio/24, o crescimento foi de +3,5. Em relação ao mesmo mês do ano anterior, a indústria geral da região declinou -1,2% e a extrativa caiu substancialmente em -27,9%, este último resultado influenciado por Bahia, Maranhão e Rio Grande do Norte, que tiveram queda na produção interanual na ordem de -16,5%, -8,6% e -5,4%, respectivamente. Na indústria de transformação, o resultado ficou estável. É importante mencionar que, na comparação interanual, todas as segmentações principais analisadas para região Nordeste tiveram números inferiores à média nacional



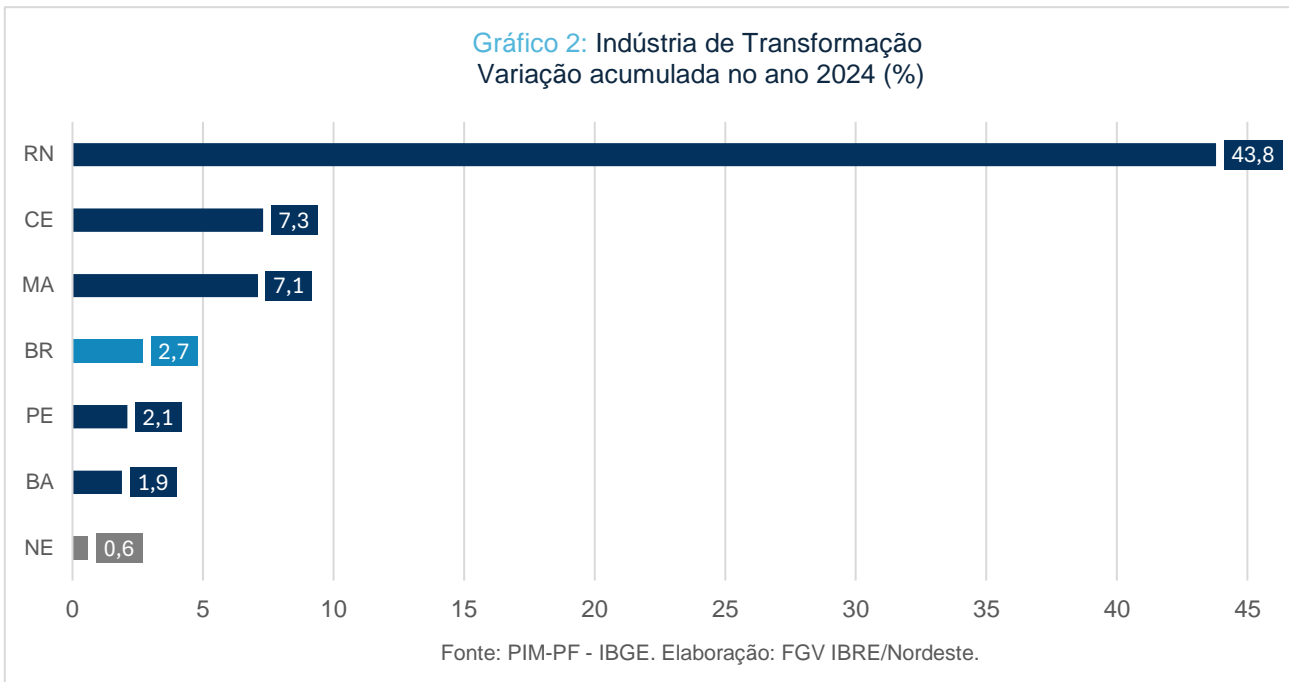
Tabela 1: Desempenho da Indústria Geral - junho/24

UF	Var. Mensal*	Var. acum. ano	Var. acum. 12 meses
BA	▼5,4	▲2,4	▲1,1
CE	▲1,6	▲7,3	▲1,4
MA	-	▲4,8	▼0,8
PE	▼5,2	▲2,1	▲3,6
RN	-	▲22,9	▲22,8
NE	▼6,0	▼0,4	▼1,5
BR	▲4,1	▲2,6	▲1,5

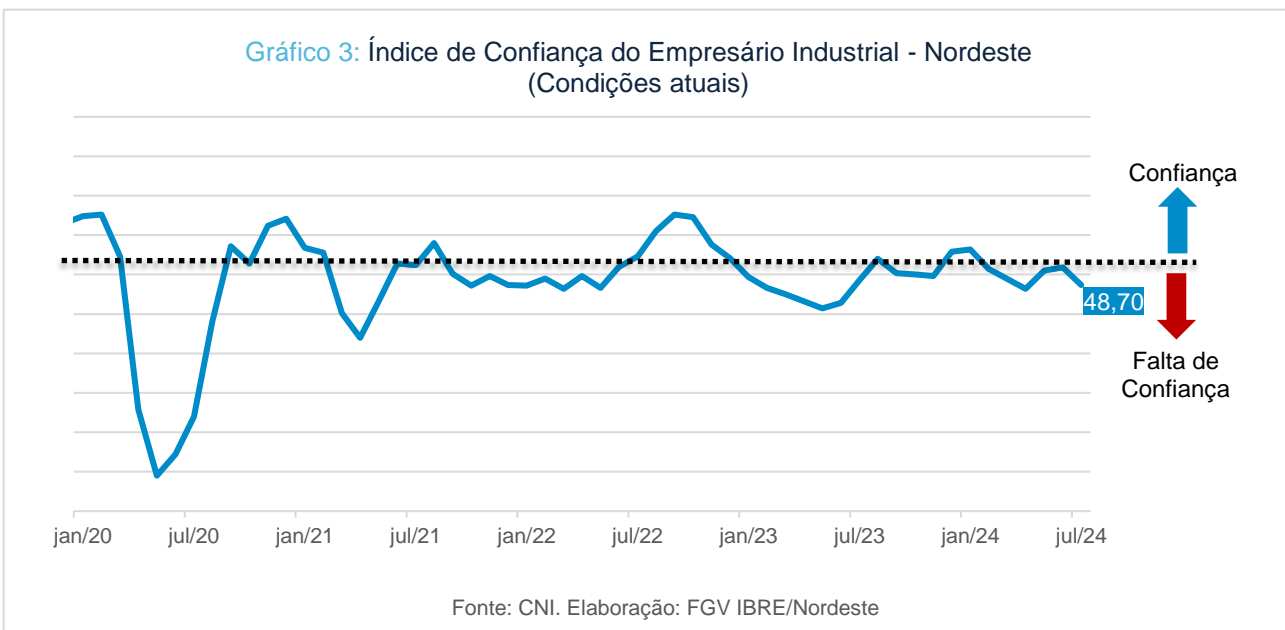
Fonte: PIM-PF-IBGE. Elaboração: FGV/IBRE Nordeste.
*Var. mensal com ajuste sazonal.

No acumulado do ano no Nordeste, a produção industrial está em queda até junho/24 em -0,4%, e, nos últimos 12 meses, a queda é mais acentuada, de -1,5%, valores bem aquém da média brasileira. Em um olhar mais desagregado, no acumulado do ano até junho no Nordeste, a indústria de transformação vem crescendo +0,6% (segundo mês consecutivo de aumento) e a indústria extrativa caindo -21,8%. A transformação da fabricação de produtos de metal está com crescimento acumulado de +20,4%, já a metalurgia caiu até junho -14,2% na região, em 2024.

De janeiro a junho/2024, todos os estados nordestinos pesquisados apresentaram crescimento na indústria geral. O destaque foi o Rio Grande do Norte, que avançou +22,9%, e Ceará, com +7,3%. O crescimento do Rio Grande do Norte se deve principalmente ao aumento de +58,6% na fabricação de óleo diesel e gasolina, atividade da indústria de transformação, impulsionada pela abertura do setor para exploração por empresas privadas. Já no Ceará, a explicação vem do crescimento de 35,2% da fabricação de metais, exceto máquinas, muito influenciada pelo polo siderúrgico estadual. Ainda em relação à Transformação, todos os estados da pesquisa cresceram, mas apenas alguns estão acima da média nacional em 2024.



Com base nos dados da CNI (Confederação Nacional da Indústria), a confiança do empresário industrial da Região Nordeste caiu em julho/24 em -2,2 pontos, atingindo 48,7 no índice, mostrando queda de confiança nas condições atuais da indústria. O valor registrado em julho está abaixo da média histórica de 49,21 iniciada em janeiro/2020. Pelo indicador, há certa resistência dos empresários na disposição de investir e aumentar a produção no curto prazo.



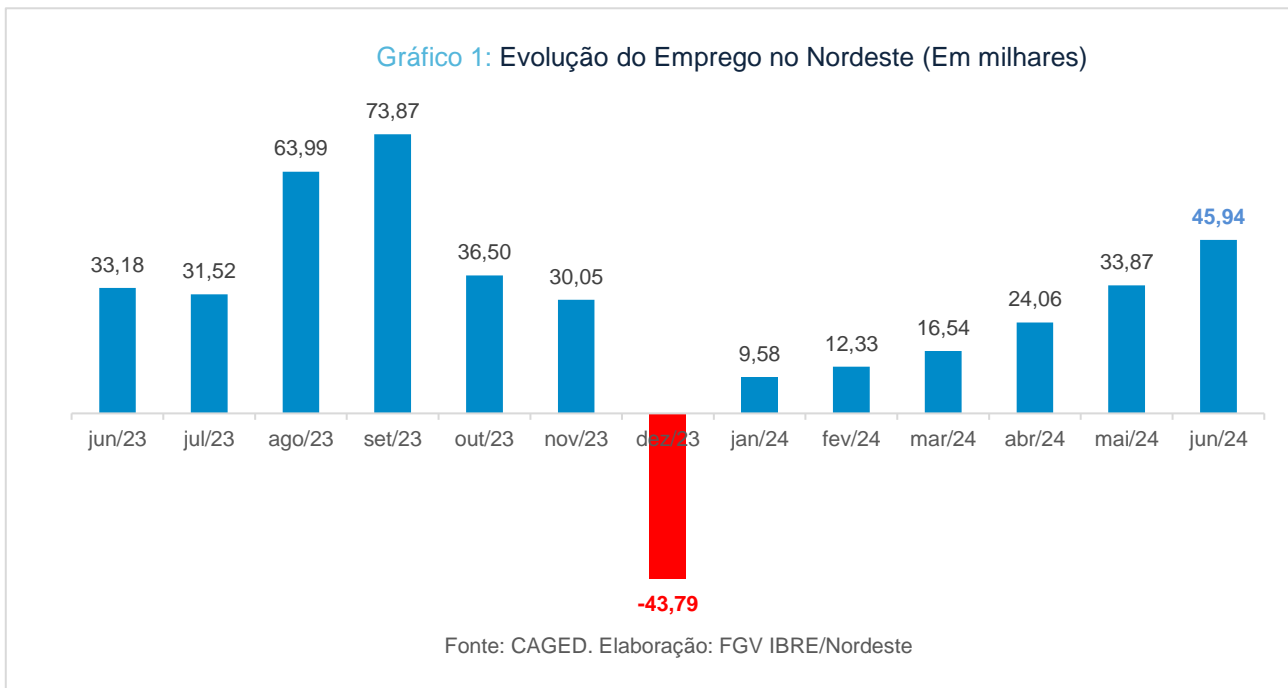
Quando esse indicador é analisado sob a perspectiva das expectativas, observa-se que o empresário nordestino se encontra em posição favorável no índice. Com pontuação de 58,60 pontos, é refletida uma visão otimista em relação ao futuro. Essa pontuação indica que há confiança na recuperação da indústria regional.



Mercado de Trabalho – Saldo de Empregos

A geração de empregos do Nordeste vem performando bem em 2024

De acordo com dados do CAGED, o Nordeste gerou 45.940 postos de trabalho, com a série ajustada, em junho/24, valor bem superior ao encontrado em junho/23, que foi de 33.182 mil de saldo. Além disso, essa é a maior geração de empregos de 2024, mostrando boa performance no mercado de trabalho na região no ano. Especificamente, foram admitidas 281,9 mil pessoas e desligadas 236,0 mil em junho. O estoque é de mais de 7,7 milhões de empregos formais, com variação relativa de +0,60% em relação a maio/2024.



Em relação aos estados nordestinos, todos tiveram saldos positivos de geração de emprego em junho/24. **Os estados da Bahia, Ceará e Pernambuco criaram juntos 24,5 mil vagas, o correspondente a 53,4% da geração de empregos da região.** No Maranhão, com 6.025 novos empregos, houve a maior variação relativa a maio, com índice de 0,93%.

No acumulado do ano, o Nordeste gerou mais de 142,3 mil empregos de carteira assinada. Todos os estados estão com saldos acumulados positivos até junho/24, com exceção de Alagoas, que perdeu pouco mais de 8,0 mil postos de trabalho. É importante citar que Alagoas é a única unidade federativa que está perdendo postos de trabalho no ano. Nos últimos 12 meses, o Nordeste tem saldo de mais de 334,4 mil empregos formais.



É importante destacar a forte geração de emprego no acumulado do ano de 2024 na Bahia e no Ceará. A situação do acumulado de 2024 em relação a 2023 só piorou em três dos nove estados nordestinos, que foram Alagoas, Maranhão e Piauí.

Tabela 1: Saldo de Empregos no Nordeste - junho/2024

UF	Junho*	Acumulado do Ano	Situação (em relação a junho/2023)	Situação (em relação ao acumulado 2023)
AL	2.686	-8.052	▲	▼
BA	8.899	54.435	▲	▲
CE	7.620	31.529	▲	▲
MA	6.025	10.856	▲	▼
PB	3.420	6.632	▲	▲
PE	8.022	17.508	▲	▲
PI	2.914	11.443	▼	▼
RN	4.533	13.060	▲	▲
SE	1.821	4.921	▲	▲
NE	45.940	142.332	▲	▲
BR	201.705	1.300.044	▲	▲

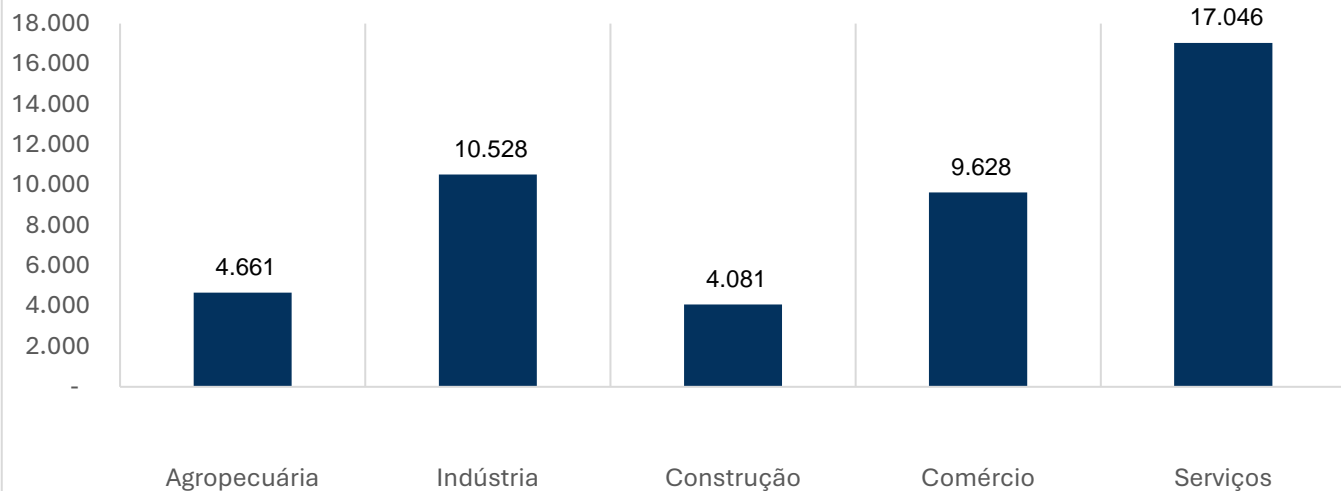
Fonte: CAGED. Elaboração: FGV IBRE/Nordeste. * série com ajuste

Em uma análise desagregada por setor, os Serviços foram responsáveis por mais de 17 mil empregos gerados em junho/24, seguidos da Indústria com 10,3 mil e Comércio com 9,6 mil vagas. A maior geração de empregos nos serviços se deve ao aumento da importância do setor na composição do produto das economias nordestinas. A agropecuária se recuperou em junho, criando 4,6 mil vínculos formais. Em maio, a geração de empregos fora negativa.

Na Indústria, é importante frisar que a Transformação na região criou quase 9 mil vagas, resultado superior ao de maio. Nos serviços, o setor de informação e comunicação ficou com saldo de 9,4 mil empregos em junho/2024. Em relação ao Comércio, se destaca o comércio varejista, com a criação de 6,2 mil vagas em junho/24 no Nordeste. No setor da Construção, as obras de infraestrutura geraram 1,8 mil vínculos formais de trabalho.



Gráfico 2: Evolução do Emprego por Setores - Nordeste (junho/2024)



Fonte: CAGED. Elaboração: FGV IBRE/Nordeste.



Mercado de Trabalho – Desemprego e Rendimento

A taxa de desocupação no Nordeste está abaixo dos dois dígitos, porém continua superior à média nacional

No segundo trimestre de 2024, a taxa de desocupação no Nordeste foi de 9,4%, com queda de 1,7 ponto percentual em comparação com o primeiro trimestre de 2024, quando foi de 11,1%, conforme os dados da PNAD Contínua/IBGE. Embora a taxa de desemprego no Nordeste historicamente esteja acima da média nacional, a redução do desemprego na região no 2º trimestre de 2024 foi mais acentuada do que a verificada em nível nacional. No mesmo período, a taxa de desocupação no Brasil atingiu 6,9%, também mostrando diminuição em relação ao trimestre imediatamente anterior.

No comparativo entre o quarto trimestre de 2023 e o primeiro trimestre de 2024, observou-se aumento na taxa de desocupação em diversos estados do Nordeste. O Maranhão registrou elevação de 7,1% para 8,4%, enquanto o Rio Grande do Norte viu sua taxa subir de 8,3% para 9,6%. Pernambuco apresentou crescimento na taxa de desemprego, passando de 11,9% para 12,4%. Alagoas também experimentou aumento, de 8,9% para 9,9%, e a Bahia teve crescimento significativo, de 12,7% para 14%.

Entretanto, no segundo trimestre de 2024, houve uma reversão dessa tendência de aumento, conforme indicado na Tabela 1. Alagoas, por exemplo, reduziu sua taxa de desocupação para 8,1%, uma queda de 1,8 ponto percentual em comparação com o primeiro trimestre de 2024. A Bahia, que anteriormente havia registrado aumento relevante, também mostrou redução expressiva, com a taxa caindo para 11,1%, uma queda de 2,9 pontos percentuais.

Outros estados, como Maranhão e Ceará, também registraram quedas, com suas taxas de desocupação reduzidas para 7,3% e 7,5%, respectivamente. Ambos registram as menores taxas de desemprego da região. O Piauí se destacou com diminuição significativa, passando de 10% para 7,6%, queda de 2,4 pontos percentuais. Por outro lado, estados como o Rio Grande do Norte e Sergipe apresentaram quedas mais modestas, de 0,5 e 0,9 ponto percentual, respectivamente.

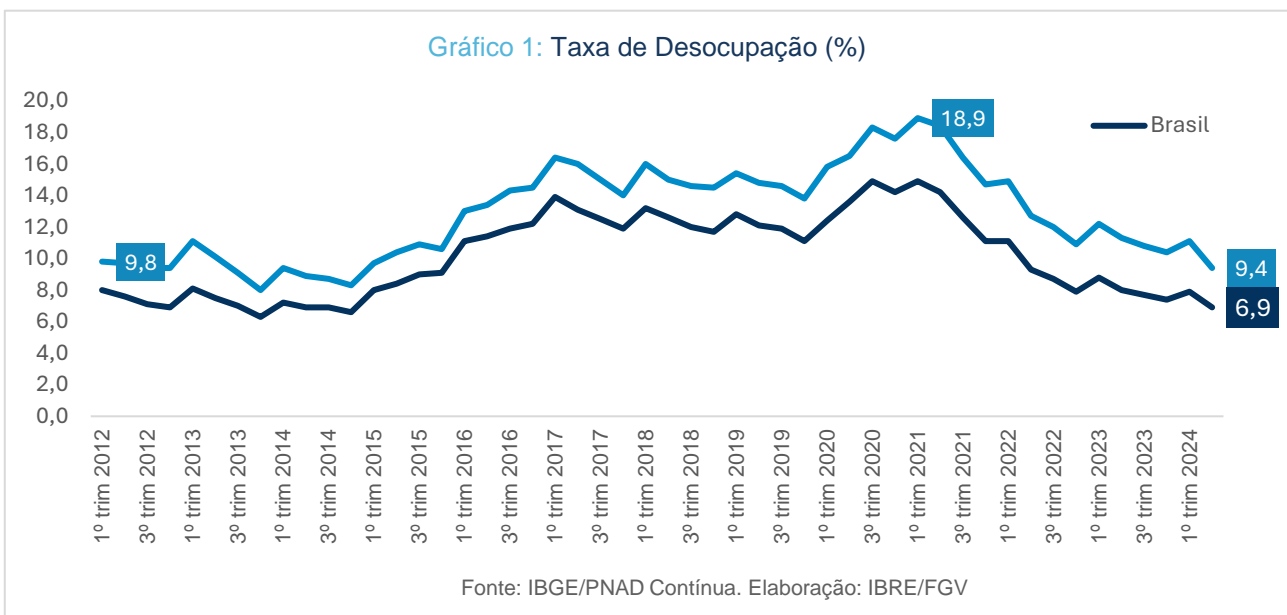


Tabela 1: Taxa de Desocupação no Nordeste – 2º trim. 2024

UF	1º trim 2024	2º trim 2024	Varição (p.p.)
AL	9,9	8,1	▼1,8
BA	14,0	11,1	▼2,9
CE	8,6	7,5	▼1,2
MA	8,4	7,3	▼1,2
PB	9,9	8,6	▼1,3
PE	12,4	11,5	▼0,9
PI	10,0	7,6	▼2,4
RN	9,6	9,1	▼0,5
SE	10,0	9,1	▼0,9
NE	11,1	9,4	▼1,7
BR	7,9	6,9	▼1,0

Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: IBRE/FGV.

De maneira geral, a região Nordeste, que apresentou tendência de aumento no desemprego entre o quarto trimestre de 2023 e o primeiro trimestre de 2024, demonstrou recuperação no segundo trimestre de 2024. As reduções nas taxas de desocupação foram particularmente acentuadas em estados que anteriormente haviam registrado aumentos significativos. Esse movimento sugere uma melhora nas condições do mercado de trabalho na região, embora as variações entre os estados ainda reflitam desafios específicos locais.



No segundo trimestre de 2024, o rendimento médio habitual na região Nordeste continuou a apresentar crescimento positivo, atingindo R\$ 2.238,00. Esse valor representa aumento de 8,5%

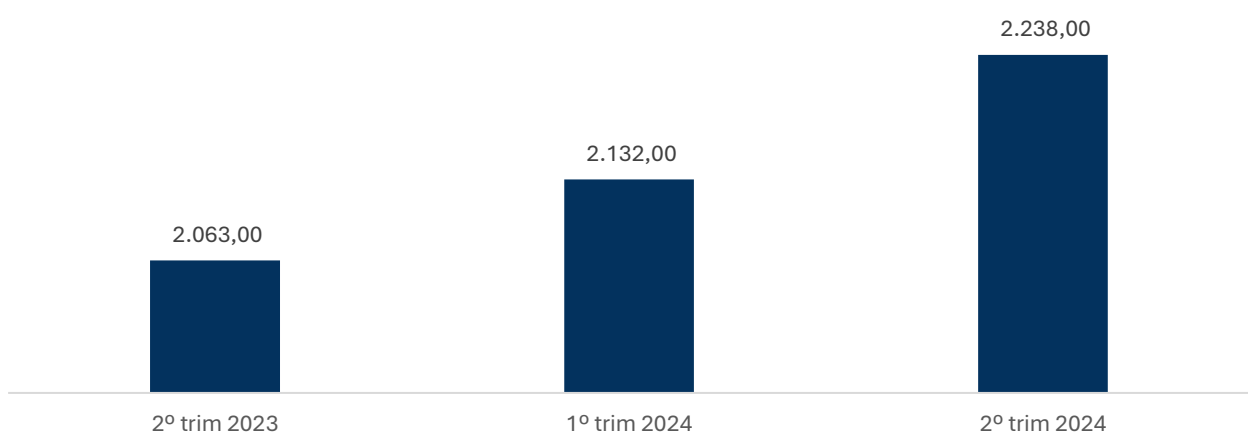


em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, quando o rendimento médio era de R\$ 2.063,00. Esse crescimento anual reflete uma tendência de valorização contínua dos rendimentos, superior à do rendimento médio mensal real no Brasil, que cresceu 5,8% na mesma base de comparação. O Nordeste, nesse indicador, teve o maior crescimento regional do país, seguido das regiões Sul (7,2%) e Sudeste (5,6%).

Entre os estados nordestinos, o Rio Grande do Norte registrou aumento de 19,8% no rendimento médio, sinalizando recuperação econômica e valorização dos salários. A Bahia também apresentou crescimento significativo de 15,9%, destacando-se como um dos estados com maior recuperação de rendimentos na região. Outros estados, como o Maranhão e o Ceará, também mostraram aumentos de 9,2% e 3,8%, respectivamente. Em contraste, o Piauí teve queda de 1,0% no rendimento médio mensal real.

Comparando com o primeiro trimestre de 2024, que registrou rendimento médio de R\$ 2.132,00, o segundo trimestre de 2024 apresentou aumento de 5,0%, indicando uma melhora significativa no curto prazo para a Região. Esse aumento trimestral reforça a trajetória de recuperação e crescimento sustentável dos rendimentos no Nordeste. A combinação de crescimento anual e trimestral evidencia uma recuperação consistente do poder de compra dos trabalhadores, possivelmente impulsionada por fatores como reajustes salariais e aumento da demanda por mão de obra.

Gráfico 2: Rendimento Médio Habitual em todos os Trabalhos (R\$)



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: IBRE/FGV



Inflação

A inflação em julho aumentou nas três capitais mais ricas do Nordeste

Dados do IPCA divulgados pelo IBGE mostram que as três maiores capitais nordestinas registraram valores positivos para a inflação em julho/2024: Fortaleza (+0,47%), Recife (+0,33%) e Salvador (+0,18%). Cabe ressaltar que, em junho/2024, Recife e Salvador tiveram queda no nível de preços. O IPCA para Brasil ficou em (+0,38%), acima do valor registrado em junho/2024.

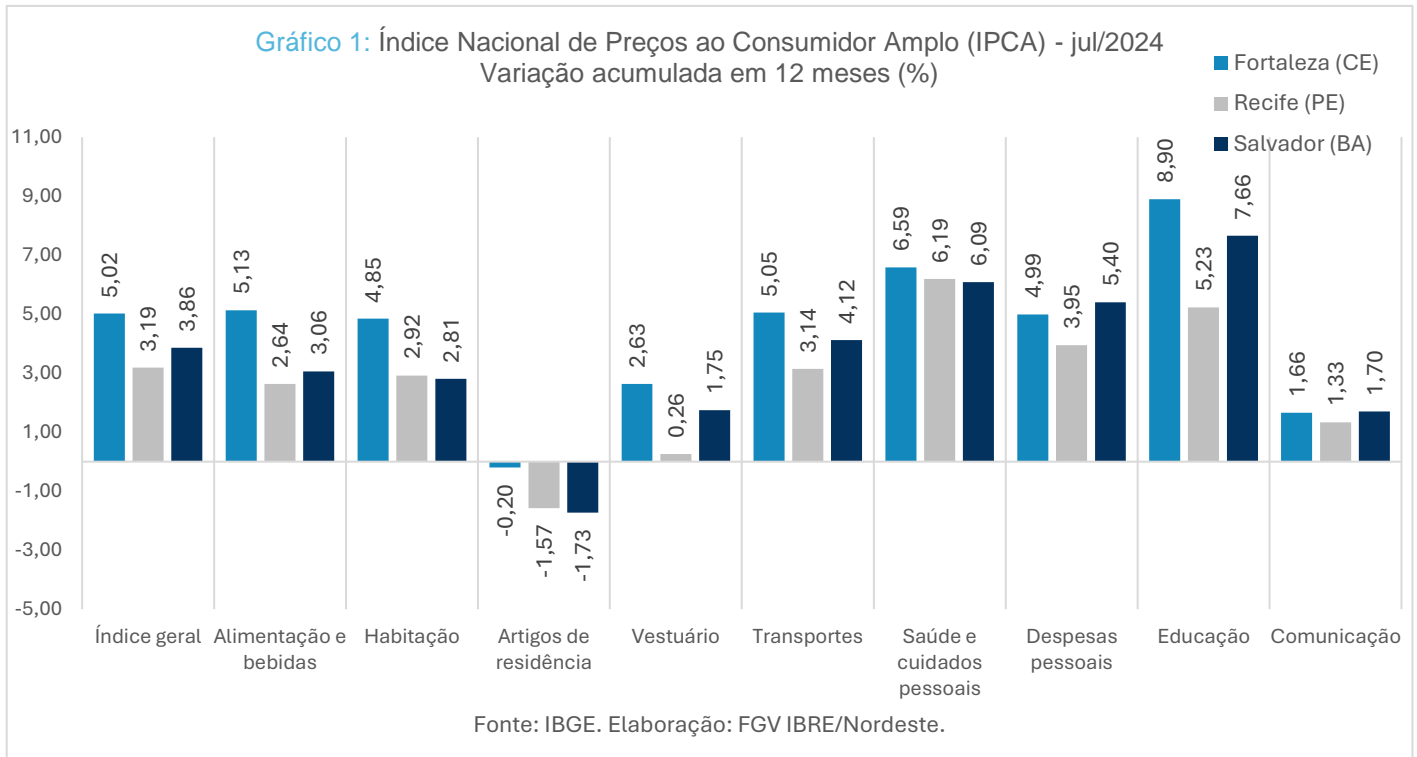
Tabela 1: Inflação (IPCA) – julho/24

UF	Var. Mensal	Var. acum. ano	Var. acum. 12 meses
Fortaleza (CE)	▲ 0,47	▲ 3,00	▲ 5,02
Recife (PE)	▲ 0,33	▲ 2,95	▲ 3,19
Salvador (BA)	▲ 0,18	▲ 2,65	▲ 3,86
BR	▲ 0,38	▲ 2,87	▲ 4,50

Fonte: IPCA-IBGE. Elaboração: FGV IBRE/Nordeste.

O resultado da inflação de junho veio influenciado principalmente pelos transportes, o que já era esperado dado o aumento recente dos preços dos combustíveis. A influência positiva foi maior em Fortaleza, com aumento de +2,48%, seguida de Recife (+1,13%) e Salvador (+0,8%). O grupo de Despesas Pessoais também aumentou consideravelmente nas capitais nordestinas. Em relação à Alimentação, ocorreu desaceleração importante na taxa quando são analisados os valores de maio/24, e, de acordo com o Boletim Macro, essa é a tendência para os próximos meses, visto que o impacto da tragédia das chuvas no Rio Grande do Sul está se dissipando.

Na análise do acumulado do ano até julho, Fortaleza registra a segunda maior variação do IPCA no Brasil, com aumento de 3,0%, ficando atrás apenas de Belo Horizonte, que acumula variação de 3,91%. Outras capitais nordestinas, como Recife e Salvador, também apresentaram variações positivas, de 2,95% e 2,65%, respectivamente, em 2024. No acumulado de 12 meses, apenas Fortaleza supera a média nacional de 4,5%. Alimentação, Habitação, Transportes e Saúde foram os grupos que mais influenciaram o índice, enquanto Artigos de Residência foram o único a registrar queda no índice.



De acordo com a plataforma Cesta de Consumo HORUS & FGV IBRE, em julho de 2024 as capitais nordestinas Salvador e Fortaleza apresentaram comportamentos distintos em relação ao valor da cesta básica. Em Salvador, houve leve aumento de 1,7% no custo da cesta, que passou a valer R\$ 770,58, embora a cidade ainda mantenha um dos menores valores entre as capitais analisadas. Nos últimos seis meses, Salvador mostrou variação acumulada de 0,5%, indicando uma relativa estabilidade nos preços.

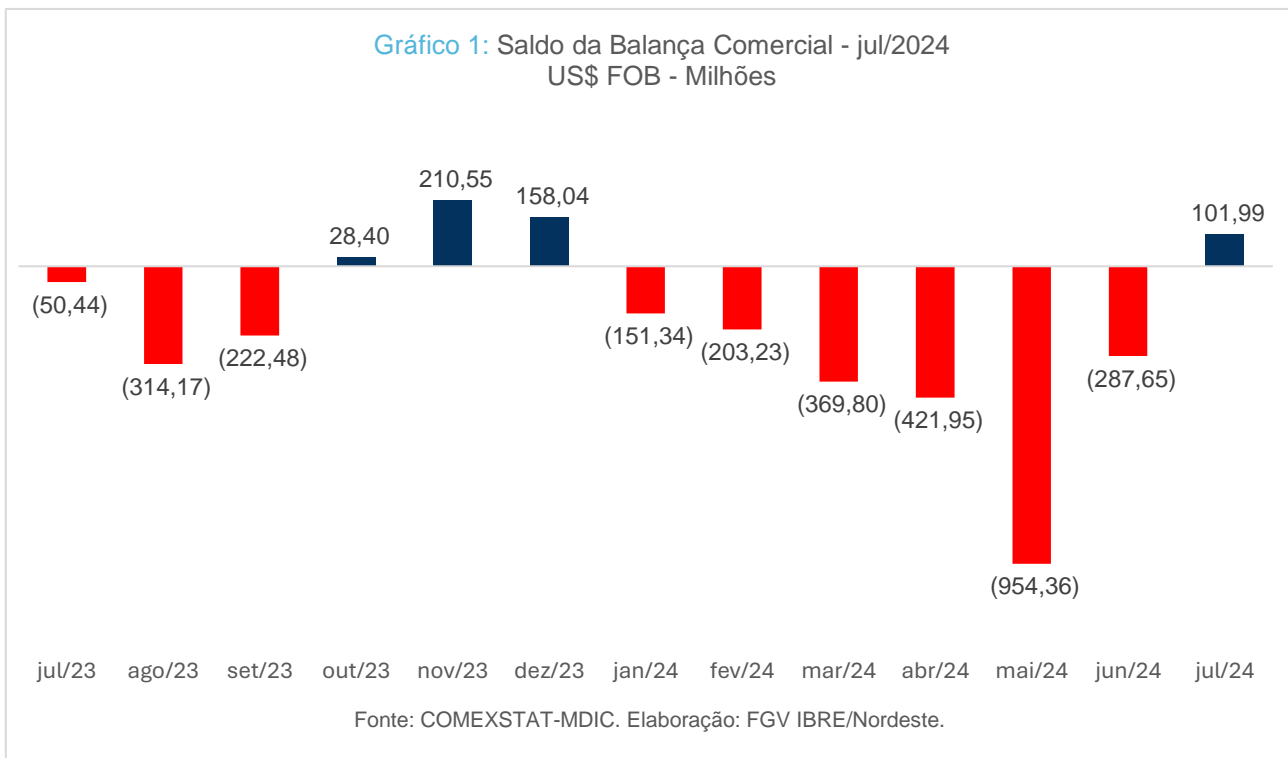
Por outro lado, Fortaleza registrou ligeira queda de -0,4% no valor da cesta básica, que agora custa R\$ 818,98. Contudo, ao longo dos últimos seis meses, Fortaleza apresentou um aumento acumulado de 4,3%, sugerindo pressão inflacionária mais significativa em comparação a Salvador. Esses dados refletem as diferentes condições econômicas locais, influenciadas por fatores como oferta de produtos, condições climáticas e demanda interna, resultando em variações nos preços dos itens da cesta básica entre as duas capitais.



Comércio Exterior

A balança comercial do Nordeste tornou-se superavitária em julho e as exportações dependem das commodities

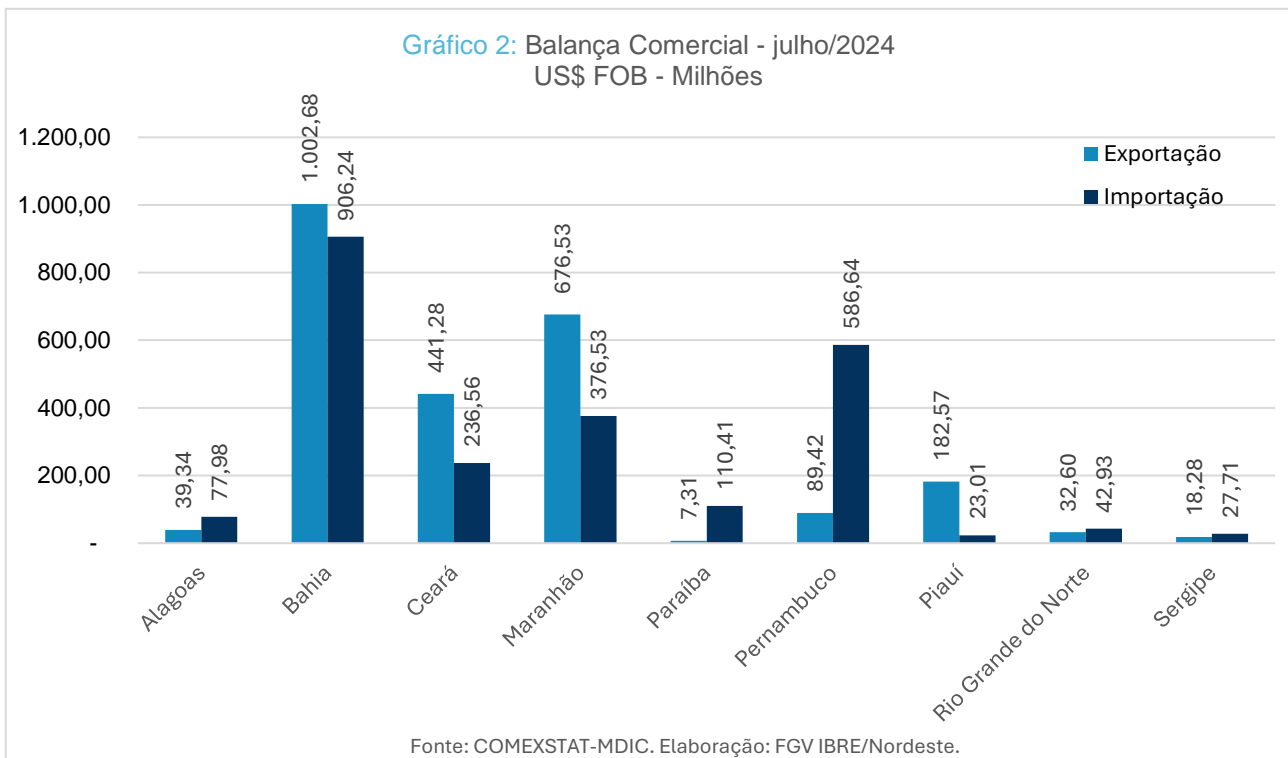
O saldo da balança comercial do Nordeste apresentou em julho/2024 um superávit de quase US\$ 102,00 milhões, após o déficit de US\$ -514,73 milhões em julho/2024, de acordo com dados da base COMEXSTAT-MDIC. O superávit de julho/2024 é o primeiro após seis déficits seguidos no ano. A região Nordeste participou com aproximadamente 8,0% das exportações e 10,3% das importações nacionais em julho/2024. No acumulado do ano, o saldo da balança é deficitário em US\$ 13,979 bilhões.



Em julho, os estados do Maranhão, Ceará, Piauí e Bahia registraram superávits em suas balanças comerciais. O Maranhão destacou-se com o maior superávit da região, alcançando US\$ 300 milhões, impulsionado por forte volume de comércio exterior, especialmente na exportação de produtos agrícolas, como a soja, ficando atrás apenas da Bahia em termos de exportações. O Ceará também teve um bom desempenho no mês, registrando saldo de US\$ 204,7 milhões, marcando o único superávit da série analisada desde janeiro de 2022.



O gráfico abaixo mostra que a maioria dos estados nordestinos ainda possui participação limitada no comércio internacional, tanto como importadores quanto como exportadores. Isso sugere que, apesar dos avanços em alguns estados, a região como um todo ainda enfrenta desafios para se integrar plenamente ao mercado global e tirar proveito das oportunidades e benefícios econômicos que essa integração pode proporcionar.



Os principais produtos importados em julho/2024 foram combustíveis, veículos e fertilizantes. O item mais importado na pauta nordestina foi o óleo combustível de petróleo ou de minerais betuminosos (exceto óleos brutos), representando mais de 22,7% do volume importado, totalizando US\$ 542,1 milhões. Adubos ou fertilizantes químicos foram o segundo item mais importado no mês, seguidos por óleos brutos de petróleo e gás natural.

Já nos produtos exportados, os destaques são a soja e os produtos semiacabados, lingotes e outras formas primárias de ferro ou aço, com participações de 34,00% e 14,88% no volume exportado. A celulose aparece na lista com cerca de 9,0% de participação nas exportações. Dentre os principais produtos exportados, há prevalência de commodities, principalmente agrícolas, na pauta exportadora do Nordeste. Além dos produtos já citados, a alumina também é importante na pauta, com US\$ 117,00 milhões exportados – o estado do Maranhão é um grande produtor nacional desse item.



Entre os principais parceiros comerciais do Nordeste, a China e os EUA recebem cerca de 53% das exportações e são os maiores fornecedores de importações, representando 40% do volume importado. A Rússia também se destaca nas importações, especialmente com fertilizantes e adubos.



NORDESTE EM FOCO

EXTREMA POBREZA E INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO: O QUE OS DADOS MOSTRAM SOBRE O NORDESTE

Vitor Hugo Miro

Prof. Programa de Pós-Graduação em Economia Rural/UFC,

Pesquisador do Centro de Estudos para o Desenvolvimento do
Nordeste, do FGV IBRE

João Mário Santos de França

Prof. Programa de Pós-Graduação em Economia CAEN/UFC,

Pesquisador do Centro de Estudos para o Desenvolvimento do
Nordeste, do FGV IBRE



Dinâmica recente da extrema pobreza no Nordeste

Em 2023, o número estimado de pessoas em situação de extrema pobreza no Brasil, com base em linha de pobreza definida pelo Banco Mundial, correspondia a um contingente de aproximadamente 9,58 milhões, equivalente a 4,45% da população brasileira. Na região Nordeste, estima-se um contingente de 5,27 milhões de pessoas, ou seja, 55% da população em extrema pobreza no país, e que representa mais de 9% da população residente na região.

Esses resultados, contudo, foram alcançados após dois anos de fortes reduções. Em 2021, ano em que os indicadores atingiram níveis elevados em resposta ao cenário de pandemia, com o mercado de trabalho ainda bastante desaquecido e com programas de transferência de renda menos agressivos, a incidência de extrema pobreza atingiu o patamar de 9% da população brasileira, correspondente a 19,27 milhões de pessoas. No Nordeste, eram mais de 10,1 milhões de pessoas, uma proporção de 17,6% da população na região. Nos anos seguintes (2022 e 2023), 9,67 milhões saíram da extrema pobreza em todo Brasil, sendo 4,88 milhões na região Nordeste. Esses resultados foram bastante explorados em artigo publicado no Blog do IBRE, em 24/06/2024: [Pós pandemia, extrema pobreza cai à metade no Brasil, e NE é 50% da redução.](#)

Composição da renda e o crescimento da participação de programas sociais

Em artigos anteriores, chegamos a explorar aspectos que ajudam a entender bem os movimentos no nível e na composição da renda das famílias e que possuem impactos diretos sobre os indicadores de pobreza monetária (O Nordeste é a região com maior queda na participação da renda do trabalho entre 2012 e 2023; e a renda do trabalho caiu para menos de 2/3 da renda domiciliar no Nordeste em 2023). Considerando indicadores em nível nacional, em 2023, a participação média dos rendimentos do trabalho na renda domiciliar (mensurados em termos per capita) foi de 74,2%. Programas sociais apresentavam uma contribuição média de 3,7% da renda domiciliar per capita.

No Nordeste, região que concentra nossa atenção nesta análise, os rendimentos do trabalho correspondiam a 65,7% da renda domiciliar per capita em 2023. Por sua vez, os rendimentos provenientes de programas sociais alcançaram o nível de 9,7% na composição da renda.

Recentemente, também fizemos uma contraposição entre indicadores de composição da renda para a população de forma global e para a população em extrema pobreza (quase 80% da renda das famílias em extrema pobreza no Nordeste vem dos programas sociais). Entre os domicílios



(de todo o Brasil) em situação de extrema pobreza, a participação dos rendimentos do trabalho na renda domiciliar era de 21,6% em 2023. No Nordeste, a participação média dos rendimentos do trabalho foi de 18,1% entre os extremamente pobres da região.

Rendimentos de transferências de programas sociais, como o Programa Bolsa Família, aumentaram muito a sua participação relativa desde 2021. No Nordeste, em 2023, a participação média dessa fonte de renda entre os domicílios em situação de pobreza extrema foi estimada em quase 79%. Em alguns estados da região (Rio Grande do Norte e Paraíba), essa participação média ultrapassa 85% da renda domiciliar.

A baixa participação dos rendimentos do trabalho e a maior dependência das famílias mais pobres em relação aos benefícios transferidos de programas sociais geram questionamentos em relação à inserção das famílias mais pobres no mercado de trabalho. Uma das explicações possíveis está na dinâmica do próprio mercado de trabalho e na inserção precária das pessoas pobres neste mercado.

Inserção dos mais pobres no mercado de trabalho

A taxa de participação (da população total brasileira) em 2023 foi estimada em 62,4%, um pequeno aumento em relação a 2021, quando foi calculada em 60,6%. Por sua vez, a taxa de desocupação foi estimada em 7,8% em 2023, ante o nível de 14% em 2021. Trata-se de um resultado muito bom e mostra como o mercado de trabalho vem se recuperando no pós-pandemia.

Quando filtramos as observações para o grupo dos mais pobres, a taxa de participação foi estimada em 31,6% em 2023, tendo apresentado redução em relação à 2021, quando era de 40,6%. Por sua vez, a taxa de desocupação entre os extremamente pobres era de 60,8% em 2021 e pouco mudou em 2023, caindo para 59,8%.

Na região Nordeste, a taxa de participação aumentou de 53,1%, em 2021, para 54,4%, em 2023. Já a taxa de desocupação apresentou forte recuo, de 18,2% para 11% no mesmo período, mas ainda elevada em comparação às demais regiões. Entre os extremamente pobres, de 2021 a 2023, a taxa de participação diminuiu de 38,2% para 29,5%; e a taxa de desocupação aumentou, de 54,4% para 57,6%.

Dado o perfil demográfico e socioeconômico, as pessoas em extrema pobreza possuem sérias dificuldades de inserção no mercado de trabalho. O perfil demográfico, educacional e até mesmo regional explica muito sobre as dificuldades de inserção no mercado de trabalho e, conseqüentemente, sobre a situação de pobreza monetária.



Nossas análises dos dados da PNAD Contínua do IBGE mostram que alguns grupos demográficos possuem maior representatividade entre os extremamente pobres do que na população como um todo. É o caso das mulheres (principalmente responsáveis por domicílios), das pessoas que se declararam pretas ou pardas, dos que possuem menor nível de escolaridade (principalmente entre aqueles que nem sequer concluíram o ensino fundamental). Nesses grupos, além da maior representatividade entre os mais pobres, o indicador de incidência de pobreza se mostrou mais elevado.

Também são mais vulneráveis à situação de extrema pobreza grupos etários mais jovens (mais velhos possuem maior acumulação ao longo da vida e aposentadorias representam uma fonte de renda estável) e residentes em áreas rurais (embora em termos absolutos, a maior parte dos pobres resida em áreas urbanas, assim como a população total).

Esses perfis (mulheres, pretos e pardos, menos escolarizados e mais jovens) possuem muitas dificuldades de inserção no mercado de trabalho e menos oportunidades de salários. No geral, salários são crescentes com a escolaridade e a experiência, e isso afeta diretamente as pessoas menos escolarizadas e mais jovens. Mulheres e pessoas pretas e pardas, infelizmente, ainda sofrem com discriminação no mercado de trabalho e desfrutam de menos oportunidades. Mais informações sobre o perfil das pessoas em extrema pobreza podem ser consultadas neste artigo no Blog do IBRE: [Perfil da população em extrema pobreza: diferenças regionais e entre os Estados do Nordeste](#).

Sem condições e oportunidades de melhor inserção no mercado de trabalho, as famílias em extrema pobreza passam a depender cada vez mais das transferências de renda, como do Programa Bolsa Família, e de iniciativas estaduais e municipais. As rendas de programas sociais preenchem uma lacuna significativa no orçamento destas famílias. E, com o aumento dos valores, como ocorreu no âmbito do Auxílio Brasil em 2022 e posteriormente no Bolsa Família em 2023, a contribuição dos programas sociais se tornou ainda mais significativa. No Nordeste, onde residem 55% das pessoas em situação de extrema pobreza do país, essa contribuição se torna ainda mais significativa.

Recentemente, no Blog do IBRE, foi publicado um estudo apontando evidências de que o aumento das transferências em 2022 exerceu um impacto negativo sobre a oferta de trabalho dos segmentos mais vulneráveis da população, com o perfil dos beneficiários dos programas sociais como os do atual Bolsa Família ([Expansão do Bolsa Família desencoraja participação no mercado de trabalho de vulneráveis](#)).

Os indicadores mostram que a taxa de participação é realmente baixa para as pessoas em extrema



pobreza e declinou entre os mais pobres após 2021. Podemos inferir que as transferências de renda alteram os incentivos de participação no mercado de trabalho, mas, dadas as razões acima apontadas, principalmente a elevada taxa de desocupação neste segmento da população, devemos olhar para esta questão com muito cuidado.

Receber benefícios de um programa social permite que os indivíduos qualifiquem melhor suas escolhas, evitando, em muitas situações, postos de trabalho em condições muito precárias. Também temos que reconhecer que muitos dos beneficiários possuem o receio, nem sempre justificável, de que um trabalho formal acarretaria a perda do benefício, o que eleva os incentivos também para a informalidade.

Obviamente, em um mercado de trabalho dinâmico, respondendo ao crescimento econômico, surgiriam oportunidades até mesmo para essas pessoas. No Brasil, ainda existem setores bastante intensivos em mão de obra, em que essas oportunidades poderiam ser geradas. Nesse sentido, faz pouco sentido querermos reduzir a dependência da renda dos programas sociais sem nos libertarmos da “armadilha de baixo crescimento” e sem termos um mercado de trabalho dinâmico.



**Coordenação do Centro de Estudos para
o Desenvolvimento do Nordeste**

Flávio Ataliba Barreto

**Coordenação Geral e Técnica do
Boletim Macro Regional**

Isadora Gonçalves Costa Osterno

Equipe Permanente

João Mário Santos de França

Thiago de Araújo Freitas

Revisão Editorial

Fernando Dantas

Editoria de Arte

Vanessa Grisolia



Dúvidas, fale conosco pelo e-mail:

ibre@fgv.br



ACESSE O **FGV IBRE** NAS REDES SOCIAIS:

